



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VII - Nº 101 - 2ª QUINZENA DE NOVEMBRO DE 1995 - SOLIDÁRIO: R\$ 1,00 - NORMAL: R\$ 0,50

**A tarefa é pôr abaixo o plano neoliberal de fome de FHC!  
Construir a frente revolucionária antiimperialista!**

**Manter as ocupações de terra!  
Destruir os latifúndios!  
Enfrentar a repressão com  
a autodefesa e a proteção  
das lideranças!  
Construir a aliança  
operário-camponesa!**



**A solução capitalista  
estatiza a dívida dos bancos;  
a solução proletária estatiza  
sem indenização o sistema financeiro**

# O que significaram as prisões dos sem-terra

O governo neoliberal e defensor dos latifundiários continua manteve presos Diolinda e Márcio. O objetivo foi claro: pressionar a direção do MST para aceitar a "trégua" desfraldada por Francisco Grazziano, barrar a ofensiva das ocupações e desorganizar os sem-terra do Pontal.

Na verdade, as prisões são indicadoras do recrudescimento repressivo do aparelho do Estado contra as massas. O avanço da crise capitalista é visível. A expansão monumental do desemprego e expulsão de camponeses do campo são sintomas do agravamento da situação econômica.

Cresce entre as massas o descontentamento. Potencia-se por todo o país a necessidade de combater com a ação direta (greves, manifestações, ocupações etc) o Plano neoliberal de fome e miséria. Os trabalhadores estão

sentindo que não podem continuar suportando as descargas da desagregação do sistema de exploração do trabalho.

O receio do governo é que venham a se combinar as ocupações de terra com as lutas operárias urbanas. As reformas pró-imperialistas estão apenas começando a apresentar suas consequências sociais. Tudo indica que o quadro de desemprego, de rebaixamento salarial e de destruição das condições elementares de sobrevivência irá progredir aceleradamente.

Por isso, é um erro considerar que as prisões dos líderes do Pontal foram pontuais e desvinculadas dos acontecimentos mais gerais, que envolvem a ofensiva da política antinacional e antipopular de Fernando Henrique Cardoso. Foi do interesse dos opressores tornar as prisões num fato isolado. Como se dissesse respeito apenas ao Pontal do Paranapanema.

Nesse sentido, é sintomática a atitude da direção da CUT em não levar conseqüentemente o problema agrário e da repressão ao movimento operário. Dizemos conseqüentemente porque não bastam denúncias nos boletins sindicais e propaganda abs-

trata em favor da "reforma agrária". Trata-se isso sim de combinar a propaganda de denúncia com a agitação, que implica organizar manifestações conjuntas de operários e camponeses. Atos ecumênicos, abaixo-assinados e discursos em defesa da democracia burguesa estão em contradição com as necessidades de enfrentamento das tendências violentas da crise capitalista e da luta de classes.

Infelizmente, os sindicatos e o próprio MST estão sob a direção daqueles que não querem acuar o governo de FHC, unindo a classe operária e os camponeses pobres num só movimento nacional. Não podemos deixar de dizer que Diolinda e Márcio são vítimas não só da repressão do governo mas também da política reformista, que não potencia a luta unitária dos oprimidos.

Contra isso, o Partido Operário Revolucionário exige que a CUT e os sindicatos convoquem plenárias por todo o país, constituam comitês contra a opressão social e política, convoquem manifestações e respondam os ataques do governo organizando um amplo movimento de massa.

## Paraná: Governo do PDT chega perto da chacina

A desocupação militar dos sem-terra, da Fazenda Saudade, município de Santa Isabel do Ivaí, Paraná, se aproximou da chacina de Corumbiara. O capitão Gilberto dos Santos ordenou as tropas para que atirassem nas pernas dos camponeses. O resultado foi a conhecida selvagem repressão. Inúmeros sem-terra foram baleados e espancados.

Os trabalhadores Olívio Dias de Almeida recebeu um tiro no abdomen e Paulo Pedro da Silva nas costas.

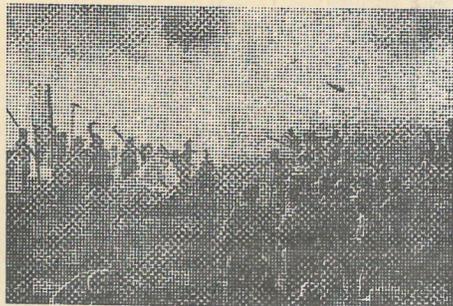
Depois do ataque militar e das prisões, policiais e jagunços destruíram os barracos, ateando fogo. Assim foi porque o capitão-carasco orientou seus cães humanos "para que tudo fosse feito com cautela, prudência e muita firmeza".

Para acobertar a sua polícia, o governador Jaime Lerner, do PDT e cor-religionário de Brizola, justificou que os militares apenas cumpriram a ordem judicial de despejo. O bandido chegou à hipocrisia de dizer: "O que o governo faz ao cumprir a decisão judicial numa área produtiva é evitar que se descaracterize os objetivos mais éticos do Movimento dos Sem-Terra".

Brizola, que está de mãos dadas com o PT para as eleições municipais vindouras, pediu a Lerner que demitisse o Secretário da Segurança Pública e pedisse desculpas à população. Mais uma vez o caudilho do PDT procura acobertar o bando de reacionários que habita seu partido.

Por outro lado, não vimos o PT condenar o PDT. E não poderia fazê-lo não só porque está comprometido numa aliança eleitoral como também comprometido com os acontecimentos de Corumbiara (RO), onde participava do governo do PMDB, responsável direto pela chacina.

Os fatos da luta de classes vão se encarregando de mostrar a rede de conivências que os reformistas contraíram ao se fundirem com o Estado burguês e estruturarem uma variante



da política pró-capitalista.

O proletariado e camponeses oprimidos devem rechaçar tanto a violência reacionária contra os sem-terra quanto à linha de conivência dos reformistas com os partidos e governos que exercem a ditadura da burguesia sobre a maioria nacional oprimida.

O POR tem feito uma campanha sistemática em defesa da estruturação dos comitês de auto-defesa agrários, dos comitês de frente única contra a opressão social e política e pela constituição dos tribunais populares, como verdadeiro instrumento independente nascido do ventre dos oprimidos para julgar os crimes da burguesia. Essa campanha é a única via capaz de criar uma fortaleza contra a violência reacionária do Estado burguês.



## Uma análise incorreta da direção do MST

A direção nacional do MST, no editorial do Jornal Sem-Terra, de novembro, explica que "diante dessa situação a reforma agrária passou a ser o centro da disputa entre os conservadores e os tucanos dentro do próprio governo". Isso para concluir: "Temos que ter claro que nossos inimigos principais nesses momentos são o latifúndio". (...) "São os setores conservadores do poder judiciário, que se apegam apenas à letra da lei, e a defesa do status-quo, somados à visão neoliberal para a agricultura, personificada no Ministro da Agricultura, Andrade Vieira".

É verdade que existe uma divergência no interior do governo em relação de como tratar as ocupações do MST. A ala do PFL, representada pelo Ministro da Agricultura, e outras frações da oligarquia agrária se colocam por endurecer frente às ocupações. São favoráveis que o governo reprima exemplarmente a luta camponesa. Em relação aos assentamentos do INCRA, Andrade Vieira é contra que estes sejam destinados ao MST. A decretação das prisões das lideranças do Pontal corresponde às pressões dessa fração governamental e dos latifundiários sobre o Judiciário.

A queda do Presidente do INCRA e sua substituição por Francisco Grazziano resultaram das divergências internas no governo. O PSDB é favorável a um acordo com o PT, Igreja e MST em torno dos assentamentos e do bloqueio às ocupações. A bandeira de trégua lançada por FHC vem nesse sentido.

O erro de análise da direção do

MST não está na identificação das divergências internas ao governo. Nem tampouco à tática de utilizá-la em favor das lutas, isso se assim fosse. O erro está em qualificar uma ala de conservadora e outra, por decorrência, de não-conservadora. Na verdade, trata-se de um governo reacionário integralmente e por excelência, ou seja, um governo que está implantando um plano ditado pelo imperialismo, que arrebenta a economia nacional, aliena ainda mais a independência do país e descarrega brutalmente sobre as massas a crise capitalista.

A divergência do PFL com o PSDB quanto ao MST apenas indica que a burguesia, no momento, tem duas variantes para quebrar o movimento camponês pela terra. A via Grazziano de concretizar assentamentos para 20 mil famílias, que é uma gota no oceano dos problemas, tem por objetivo preservar o latifúndio como fundamento da estrutura fundiária do Brasil semi-colonial. Nesse sentido, a solução por migalhas é tão pró-latifundiária quanto à de derrotar o MST pela força. Ao mesmo tempo, a análise da direção do MST obscurece que justamente sob esse governo "apaziguador" houve a maior chacina de camponeses da história recente e, nesse exato momento, ocorre a bárbara repressão no Paraná.

O governo de FHC tem um objetivo claro: senão desarticular as ocupações do MST através dos mesquinhos assentamentos e se este proliferar o método das ocupações, adotará a via pretendida por Andrade Vieira. O Es-

tado poderá contrair alguns conflitos particulares com alguns fazendeiros que grilaram terras, mas não poderá estendê-los para o conjunto da fração latifundiária, que tem um poder extraordinário no seu interior.

O erro de análise da direção do MST não vem da falta de conhecimento dessa realidade. Tem sua origem na política de reformas no interior do capitalismo, sem questioná-lo em sua base. Acredita na redistribuição de terras pela via pacífica e de acordos políticos entre as frações da burguesia que comandam o Estado.

Não é por acaso que o PT sempre definiu o PSDB como progressista e aliado estratégico para realizar as supostas reformas. Se essa ilusão e falsificação da realidade da luta de classes continuar a prevalecer, os resultados serão cada vez mais trágicos para o movimento dos sem-terra. As pequenas conquistas parciais (alguns assentamentos) serão a derrota para o movimento no futuro, caso a direção do MST continue a condicioná-lo com seu reformismo.

Nacional



## Propriedade privada e método de ocupação

É sintomática a entrevista de Plínio Arruda Sampaio, membro influente do PT e representante da Igreja, ao Jornal do MST, alertando para os perigos da ocupação. Reconhece como necessária a "tática da ocupação". Porém, mais para mostrar as complicações. Explica: "Uma tática que está no limite da institucionalidade e, portanto, uma jogada muito arriscada: precisa ser feita com muita competência".

O ex-parlamentar petista pretendeu dizer que as ocupações não podem ultrapassar os limites da propriedade privada dos meios de produção, que são a base estruturadora do regime econômico capitalista. Estar "no limite da institucionalidade" significa estar próximo da subversão dessa base econômica. O Estado

burguês se rege pelo princípio da propriedade e funciona como seu guardião. No caso em questão, o Estado brasileiro se assenta na propriedade latifundiária da terra, que é parte da estrutura geral do capitalismo semicolonial. Não é por acaso que a burguesia industrial e a oligarquia agrária estão entrelaçadas, fazendo parte dessa relação o capital imperialista.

A luta camponesa pela terra como um fim em si mesma não fere essencialmente as relações capitalistas de produção, portanto, a base geral da propriedade privada dos meios de produção e exploração do trabalho. Ocorre que o movimento camponês se choca com o poder geral da burguesia, uma vez que o Estado semicolonial brasileiro está condicionado pela estrutura latifundiária. O que quer

dizer que a burguesia não pode fazer uma ampla reforma agrária que ameace o domínio latifundiário. Em outras palavras, não tem como realizar uma revolução democrática, tendo a frente a fração do capital industrial.

Um assentamento aqui e outro ali não subverte a ordem dos latifúndios. Serve apenas para reduzir o impacto da luta de classes no campo. "Os limites da institucionalidade", a que se refere Plínio de Arruda, são os limites da propriedade latifun-

diária, monopolista, da terra. Ao dizer que o MST deve saber utilizar com cuidado as ocupações, o reformista católico está alertando para a direção

do movimento manter a luta nos estritos limites dos assentamentos assinaláveis pela burguesia e não ultrapassar o sagrado monopólio lati-

fundiário. Esse é um conselho reacionário, pró-latifundiário e derrotista. Os trabalhadores precisam se alertar para os lobos vestidos de cordeiros.

## Aliança operário-camponês e a tática do reformismo

Os reformistas, que são a direção hegemônica tanto no movimento operário quanto camponês, dizem que a única forma de se alcançar algum progresso em favor das massas é através dos métodos democráticos. Com isso, querem convencer de que a burguesia está apta a assimilar as pressões pacíficas e realizar as reformas almejadas.

Consideram, para isso, que existe uma fração "conservadora" e outra "progressista" no interior da classe capitalista. Assim, os métodos de luta dos explorados não poderiam fazer mais do que pressionar a ala progressista a realizar mudanças. A luta dos trabalhadores não teria outra função senão aumentar a cisão entre "conservadores" e "progressistas". E também criar as condições para a participação dos oprimidos nas decisões do Estado, através de uma aliança com a fração burguesa "progressista", de forma a isolar a fração "conservadora".

Em sua essência, esse pequeno resumo da política reformista nos mostra a sua estratégia e tática. A estratégia é de democratizar o capitalismo e a tática é a de estabelecer uma aliança entre uma fração capitalista e os explorados. Em função dessa linha, a direção

reformista, em sua maioria vinculada ao PT, divide profundamente os trabalhadores.

Como assim? Utilizam a tática de limitar o método da ação direta a pequenas parcelas dos oprimidos. Ou seja, evitam unificar sobre um programa as amplas massas e generalizar o combate. Por exemplo: No meio operário, as greves são isoladas por fábrica, às vezes até por seção. As campanhas salariais não são unificadas. A separação da classe operária em categorias profissionais, obra da divisão social do capitalismo, é mantida rigidamente pela burocracia reformista (não é preciso falar da diretista-Força Sindical). É como se os metalúrgicos, químicos, têxteis, frios etc não fossem da mesma classe, sofressem a mesma opressão, não tivessem os mesmos interesses e não pudessem se unificar em torno de um mesmo programa.

A divisão corporativa da classe operária em categorias, essas, por sua vez, em fábricas e, finalmente, em seções é sustentada e utilizada pela política reformista de aliança com os chamados setores "progressistas".

No essencial, a tática divisionista da classe operária e de unidade com a fração burguesa "progressista" objetiva evitar que as lutas inicialmente econômicas se transformem em luta política contra o Estado burguês, ou seja, a luta de classe contra classe. Nesse sentido, os reformistas, aliados com setores da burguesia, bloqueiam a tarefa histórica da classe operária se constituir em classe independente (revolucionária) e dirigente da maioria nacional oprimida.

A estratégia e tática anti-operárias e conciliadoras dos reformistas também calam fundo no interior do movimento dos sem-terra. Em palavras, cantam o refrão da aliança operária e camponesa, mas a negam na prática e no programa. A linha de aliança com a fração "progressista" da burguesia, que diga-se de passagem é a marca

registrada do velho PCB (estalinismo), responsável por tantas traições, é antagonista à aliança operária e camponesa. Ela conduz o MST a se colocar sob a mesma direção política que divide o movimento operário.

Por isso não é estranho o fato da direção dos sem-terra limitar a luta camponesa a alcançar alguns assentamentos através da própria política do PSDB. E desconhecer o verdadeiro significado da aliança operária e camponês para quebrar integralmente o poder dos latifundiários. Eis porque o objetivo estratégico da direção reformista, claramente expresso, é o de atingir apenas os latifúndios improdutivos, que na verdade nem isso alcança.

Esquece-se deliberadamente que a maior massa camponesa está à mínima nos minifúndios, esmagados pelos latifúndios e pelo capital comercial.

Por essa via, não haverá uma verdadeira revolução agrária que coloque as terras à disposição das amplas massas camponesas. O Partido Operário Revolucionário rejeita e combate a estratégia reformista de sustentação do capitalismo e a tática reacionária de se aliar com qualquer das frações capitalistas para se realizar reformas.

Sem dúvida, não devemos desconhecer as divisões interburguesas e sua importância para o avanço das lutas. Porém é preciso ter claro que qualquer fração burguesa pertence à reacionária classe capitalista e que suas diferenças vêm no sentido de como melhor defender seu domínio frente às massas ameaçadoras.

Também não é que não possa ocorrer reformas. Mas serão arrancadas à força da burguesia através da luta unitária e de massa. E apenas serão alavancas para o proletariado, em aliança com o campesinato, avançar a luta de classe contra classe rumo à revolução social, ou seja, expropriação geral da burguesia e tomada de seu Estado.

**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**

**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

Nacional



## Que os 8 camponeses desaparecidos na chacina de Corumbiara apareçam

Os sem-terra de Corumbiara denunciaram, logo após à operação militar de desocupação da Fazenda Santa Elina, que os desaparecidos poderiam estar mortos e seus corpos escondidos. O laudo realizado, na França, pelo "Serviço de Anatomia e Citologia Patológica - Medicina Legal da Faculdade de Medicina de Paris-Oeste, comprovou que os pedaços de ossos queimados, encontrados no local da chacina, são humanos.

Está claro que foram cremados, para reduzir o impacto da mortandade. Tudo indica que foram 18 os camponeses assassinados pelos policiais e jagunços dos fazendeiros.

Exigimos que o governo de FHC, Raupp e os secretários do PT no governo de Raupp respondam onde estão os corpos. Os trabalhadores devem apurar toda responsabilidade desse crime de classe. Não para acreditar na possibilidade de punição pela Justiça da própria burguesia, mas para lutar pela destruição do capitalismo.

## É preciso pôr em pé um tribunal popular

Os crimes de Corumbiara, a repressão aos sem-terra no Paraná, as mortes na desocupação da Vila Socialista e de Volta Redonda, o massacre de Fleury aos detentos do Carandiru e as centenas e centenas de assassinatos de sem-terras, padres e líderes sindicais agrários vão continuar impunes enquanto permanecerem sob investigação da Justiça dos opressores.

Os reformistas querem que acreditemos nesse instrumento da burguesia. Procuram dar a idéia de que as mortandades são fatos isolados. Na realidade, trata-se de consequências da luta de classes.

Aburguesia apodrecida e seu Estado reacionário não podem manter seu sistema econômico de exploração e opressão sem as carnificinas. Devemos combater a idéia de que são apenas excesso do aparelho repressivo. Nada disso! A violência reacionária do Estado contra os explorados expressa a ditadura de classe dos capitalistas.

A tendência é desta se manifestar como guerra civil contra os explorados. A luta operária contra a violência reacionária serve para que as massas compreendam, por experiência própria, que a ditadura da burguesia precisa ser destruída através da revolução, para que assim cessem todos os crimes de classe.

Os tribunais populares, constituídos de delegados de fábrica, movimentos, escolas etc, são o instrumento indispensável para essa tarefa. Eis porque denunciemos as correntes de esquerda (PSTU, Causa Operária etc) e os reformistas que se negam a trabalhar por esses organismos de independência de classe. O POR exige que as esquerdas rompam com o palavreado e se lancem pelos tribunais populares.

## Governo FHC se apóia também na oligarquia latifundiária

O governo FHC resultou da aliança da fração mais poderosa do capital industrial-financeiro com a oligarquia latifundiária. Isso apenas comprova que a política, de forma geral, expressa a estrutura econômica e as relações de classe. Por essa razão, a coligação PSDB-PFL-PMDB não poderia deixar de favorecer os latifundiários em todos aspectos de seu parasitismo.

Finalmente, o governo selou o acordo da dívida desse setor de 7 bilhões de Reais, que dará um desfalque em mais de 2 bilhões de dólares aos cofres públicos. Os favores não param aí. O governo cogita um novo auxílio aos usineiros. Desta vez de 500 milhões de Reais, que viriam a se juntar a uma dívida "impagável" de 5 bilhões junto ao Banco do Brasil.

É compreensível que esse novo auxílio está sendo pleiteado pelo vice-presidente Marcos Maciel, do PFL e pela bancada representante da oligarquia latifundiária do Nordeste. O objetivo é salvar os usineiros falidos.

Se somarmos a dívida dos latifundiários, mais os 3,5 bilhões do Banco Econômico, mais a dívida do Banespa de 12 bilhões, mais os 10 bilhões previstos para se evitar a quebra de inúmeros bancos, mais os bilhões de juros e amortizações da dívida interna e externa etc logo vemos porque o governo quer aumentar impostos sobre a população, acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, demitir em massa funcionários etc. E também porque desvia as verbas da saúde e educação para o Fundo Social de Emergência e quebra os serviços sociais.

Enquanto o governo privatiza portentosos ramos da produção, entregando-os de graça ao grande capital, estatiza a bilionária dívida de latifundiários, usineiros e banqueiros. Enquanto as massas passam fome, o desemprego cresce e os camponeses são expulsos da terra, o governo FHC esbanja bilhões com os exploradores. Tudo isso retrata a decadência histórica da burguesia, que terá de ser destruída pela revolução emancipadora do proletariado. Para isso, é fundamental a construção do Partido Operário Revolucionário e o combate sem trégua aos reformistas do PT, que bloqueiam a evolução política e organizativa do proletariado.

## Libertados os sem-terra

No fechamento desta edição Diolinda e Márcio foram libertados e os mandados de prisão contra José Rainha e outros foram suspensos. A imprensa afirma que o *habeas corpus* resultou de uma negociação política, em que os sem-terra se comprometeram a suspender por um tempo as ocupações. Esperamos não ser verdade, porque seria uma atitude muito grave da direção do MST, que está rodeada de oportunistas de todo tipo. Viva a liberdade de Diolinda e Márcio, mas com luta. As ocupações devem continuar! Organizemos a autodefesa e proteção das lideranças combativas do MST!

Nacional



# O Objetivo das reformas é atacar fundo a vida das massas

O Plano FHC de reforma econômica, fiscal e administrativa está sendo imposto parte por parte. Primeiro, aboliu da Constituição o monopólio estatal sobre ramos fundamentais da produção e a diferenciação entre capital nacional e multinacional. Isso para promover o entreguismo generalizado das estatais com as privatizações. Depois, foi a vez da reforma administrativa, que quebra a estabilidade do funcionalismo. No mesmo sentido, agora, está em curso a destruição da aposentadoria por tempo de serviço. Em seguida, o governo retomará a reforma fiscal, mais espinhosa para ser aprovada no Congresso devido atingir interesses particulares de capitalistas e governos estaduais. Mas isso não tem impedido de aumentar impostos.

A reformulação do imposto de renda implica em expandir a base contribuinte, o que quer dizer reduzir ao máximo o número de isentos. Sabemos que o imposto de renda atinge fundamentalmente os assalariados. Com a reformulação, a carga se torna maior. Acrescenta-se a isso a reedição do Fundo Social de Emergência, com o nome de Fundo de Estabilização Fiscal, que retira 20 bilhões de dólares do Orçamento dos estados e municípios, prejudicando irre-

mediavelmente a saúde e a educação.

Essa parafernália toda objetiva: 1) Entregar as estatais para os credores internos e externos; 2) Demitir em massa o funcionalismo público em todas as esferas; 3) Aumentar impostos sobre os assalariados; 4) Transferir a Previdência Social, a educação e saúde para a exploração dos capitalistas; 5) Reduzir a distribuição fiscal para estados e municípios e concentrá-la inteiramente nas mãos da União.

Os trabalhadores podem observar que tal Plano não fortalece a economia nacional e nem melhora a situação desesperadora da maioria oprimida. Muito pelo contrário, entrega as estatais para as multinacionais associadas a alguns grupos, retira uma massa de dinheiro da população, acaba com os serviços públicos, obriga os assalariados a trabalharem até a morte sem se aposentarem, liquida com milhares de empregos públicos e empobrece os estados e municípios.

Tudo isso para quê? Diz o governo que é para sustentar o Plano Real, que acabou com a inflação.

A primeira coisa que nos vem à cabeça é que para reduzir a inflação é preciso que o governo esmague a vida dos trabalhadores. Mas a inflação, que é a alta desenfreada dos preços, é provocada pelos próprios exploradores e pela política econômica do governo.

São os banqueiros que estão dando um rombo de cerca de 15 bilhões de reais, os latifundiários perdoados em 7 bilhões de reais, os governadores que endividaram até o pescoço dos bancos estaduais para favorecerem as empreiteiras e os politiquinhos, são os industriais que sonegam impostos, são os bilhões enviados para fora como remessa de lucros pelas multinacionais, são os bilhões de reais que vão para o pagamento dos juros das dívidas interna e externa e são os bilhões esbanjados na

corrupção. Agrega-se a isso o controle da economia por monopólios que determinam o preço de mercado. É dessa fonte que sai a inflação, o déficit público, as quebras, o desemprego em massa e as expropriações salariais. Por debaixo dela, na sua raiz, está as relações capitalistas de produção, baseada na propriedade privada dos meios de produção e exploração do trabalho da maioria. É esse sistema de acumulação crescente de riqueza num pólo e miséria no outro que está afundando. Sua desintegração arrasta as massas para o precipício da fome e da miséria. O governo aplica planos que protegem essencialmente os grandes capitalistas interno e externos. Aí está o fundamento de sua política econômica, denominada de neoliberal.

Compreendendo isso, a classe operária saberá que esse inimigo de classe terá de ser combatido de conjunto e abertamente. A tarefa concreta que se coloca na situação é a de pôr em pé um amplo movimento nacional de massa para derrubar o Plano neoliberal de FHC. E impor pela via da ação direta (greves, ocupações etc) as reivindicações de defesa da vida das massas, como ponto de partida de luta pela destruição do poder da burguesia.

Trabalhadores, é necessário organizarmos um movimento nacional que unifique operários, camponeses e classe média urbana arruinada em torno de um plano de luta contraposto às medidas antinacionais e antipopulares de FHC. Defendemos que a CUT, sindicatos, movimento do sem-terra, movimento popular e estudantil convoquem assembléias, formem comitês e preparem as condições para a greve geral por tempo indeterminado. Essa é a via para pôr abaixo o Plano de fome e miséria. Para combater o desemprego crescente e impor as reivindicações dos oprimidos.

Nacional



## Obras Completas de Guillermo Lora

Já foram publicados os 6 primeiros volumes, sendo que já os temos no Brasil.

A obra trata do desenvolvimento do movimento operário boliviano e internacional e da construção do partido operário revolucionário, desde a década de 40.

Adquira com o distribuidor deste jornal.

## Adquira os materiais da Corrente Proletária na Educação:



# Governo gastará bilhões com bancos falidos E jogará o custo sobre os assalariados

A Medida Provisória das fusões dos bancos provocará um desperdício de bilhões para auxiliar os banqueiros. Segundo dados, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil estão "rolando diariamente empréstimos de ordem de 7 a 10 bilhões de reais aos bancos em dificuldades, para evitar que eles quebrem" (Veja). A solução encontrada por FHC é de os bancos mais sólidos adquirirem os menores ou então se fundirem. Esse processo de concentração do capital financeiro será financiado pelo cofre público.

Calcula-se que a conta para o governo não ficará em menos de 10 bilhões de reais. Há estimativa de 15 bilhões, feita por parlamentares. Além de uma linha de empréstimos privilegiados (juros abaixo do mercado), o banco comprador poderá utilizar o valor para abater no imposto de renda. Agrega-se a esse presente a utilização dos chamados títulos podres, cujos valores estão depreciados.

Como se vê, trata-se de uma escandalosa operação para salvar uma parcela dos bancos quebrados e fortalecer os poderosos banqueiros. Fica mais uma vez evidenciado que qualquer governo burguês é refém do capital financeiro, que comanda em última instância a economia.

Os dados apresentados pelo jornalista Ribamar Oliveira (ESP) mostram bem o parasitismo do capital financeiro. Afirma que alguns bancos chegaram a ter um crescimento de 2000% em apenas dois anos. E conclui: "Embalada pelos ventos inflacionários, a participação dos sistema financeiro no Produto Interno Bruto (PIB) chegou a ser de 12%. Ou seja, as instituições chegaram a deter 12% da receita total do país gerada num ano".

Na realidade, o peso do capital financeiro é bem maior. Ocorre que os banqueiros também são donos de fábricas, vastidão de terras e grande comércio. Está penetrado em todos os setores da economia.

A expansão desenfreada do sistema financeiro e a alta lucratividade foi utilizada por esse setor da burguesia para expandir seus negócios para outras esferas. Também é sabido que os banqueiros transferiram enormes riquezas para o estrangeiro. Um exemplo disso encontramos na quebra do Banco Econômico, em que se revelou que o banqueiro preservou uma fábula aplicada fora do país.

A falência de bancos é um fenômeno generalizado no capitalismo. Vem ocorrendo tanto nos países imperialistas quanto nas semicolônias. Agora se manifesta mais uma vez no Brasil. Em todos os casos verificamos que o colapso de parte do sistema financeiro expressa a crise geral do sistema de produção e distribuição capitalista, que é mundial.

Existe uma massa gigantesca de capital financeiro que não guarda relação real com a base produtiva. Ela é fruto da especulação, do endividamento privado e estatal, que não tem como ser solucionado. O governo, ao despendar bilhões para salvar os parasitas, não faz senão avolumar o quadro da crise.

## Quem paga as quebras são os trabalhadores

O problema é que as quebras e os desperdícios que consomem bilhões atingem frontalmente a vida das massas. Não é a burguesia quem arca com os rombos dos cofres públicos e quebras. No horizonte das fusões, se

anuncia uma onda de demissões, que ampliará brutalmente o desemprego no setor e o exército geral de desempregados do país.

Quando imperava a ciranda financeira com a taxa inflacionária crescente, a expropriação diária de parte dos salários ia para os capitalistas, incluindo os banqueiros. Quando agora a inflação é mais baixa, e se diz que os bancos estão quebrando porque não podem especular tanto, os salários são arrojados pelo reajuste anual abaixo da inflação e a destruição de empregos ganha projeção aterrorizante.

A saída adotada pelo governo é catastrófica para a economia e para as massas. Segundo ele, essa seria a via menos traumática porque estaria protegendo os correntistas e aplicadores. Na verdade, todos os banqueiros têm seus bens assegurados, no mesmo estilo de Calmon de Sá, do Banco Econômico.

É curioso que os bancos se quebram mas não os banqueiros. Estes saem enriquecidos, enquanto que os trabalhadores devem pagar com mais exploração e mais desemprego.

## A solução capitalista estatiza a dívida dos banqueiros; a solução proletária estatiza sem indenização o sistema financeiro.

Está claro que a Medida Provisória de fusão dos bancos estatiza a quebra e os prejuízos provocados pelos banqueiros. A política proletária apresenta uma outra via oposta à dos capitalistas. O Partido Operário Revolucionário defende a expropriação e estatização imediata de todo o sistema financeiro, sem despendar nenhuma indenização aos banqueiros. Também serão expropriadas suas riquezas provenientes da especulação e exploração das massas.

Essa é a única via para não se descarregar a crise sobre os trabalhadores. Quem deve pagar as quebras do sistema econômico falido é a própria classe burguesa. Para isso, é necessário um amplo movimento, dirigido pela classe operária, que como tal não poderá se ater apenas à crise do sistema financeiro, porque ela é apenas um sintoma da decomposição geral do capitalismo.

Os bancários e demais trabalhadores deverão prestar atenção como os reformistas do PT, que têm uma expressiva bancada parlamentar e dirigem a CUT, não se lançarão decididamente contra mais essa medida antipopular do governo. Ao não defenderem a estatização dos bancos, sob o controle dos trabalhadores, estarão colaborando com a solução reacionária. Devemos rechaçá-los e exigir que a CUT rompa sua linha de colaboração com a burguesia e se lance em defesa da vida das massas.

NACIONAL



# Investimentos estrangeiros em bolsas ficam sem impostos

## Bancos estrangeiros serão beneficiados nas exportações

Depois de uma crise entre a equipe econômica do governo e o relator do projeto de lei do imposto de renda de pessoa jurídica, Antônio Kandir, o governo resolveu manter a isenção de imposto às aplicações estrangeiras nas bolsas. Os investidores nacionais pagam alíquota de 10%. Existe ainda um mecanismo de fuga dos investidores estrangeiros de pagamento de Imposto sobre operações financeiras.

Os bancos estrangeiros comemoraram também a divulgação do projeto de reestru-

turação do sistema financeiro nacional (Proer), que estabelece que os bancos estrangeiros terão assegurados empréstimos feitos para financiar exportações brasileiras. Os dólares são convertidos em reais por bancos no Brasil. Se o banco daqui quebrar, o governo garantirá a devolução do dinheiro ao banco de fora. O governo age como um instrumento do capital financeiro internacional, favorecendo de todo modo a aplicação estrangeira no Brasil. Somam-se aos altos juros ganhos uma série de vantagens operacionais e isenções de impostos.

O dinheiro que circula entre os bancos e investidores é resultado da exploração do trabalho assalariado. Parte do trabalho não pago aos operários (mais-valia) pelos patrões é

abocanhada pelos bancos. O parasitismo financeiro se nutre da exploração capitalista. O capital financeiro internacional, imperialista, vem ao país para sugar o sangue dos trabalhadores. Seus "sócios menores" daqui os ajudam no parasitismo.

Os oprimidos necessitam nacionalizar o sistema financeiro, expropriando os bancos e instituições financeiras e colocando-as sob controle dos trabalhadores. A luta contra a opressão nacional, luta antiimperialista, só tem consequência se se coloca nesse sentido. Por isso também assume um caráter anticapitalista. Depende da classe operária se organizar para dirigir a luta nacional emancipadora da exploração do país pelo imperialismo e dos oprimidos pelos capitalistas.

Nacional

### Sangria da semicolônia: bilhões para os parasitas!

A Sociedade Brasileira de Estudos sobre Empresas Transnacionais estima que este ano a remessa de lucros para o estrangeiro alcançará nada menos do que 4 bilhões de dólares. Segundo os analistas econômicos, as multinacionais tiveram lucros recordes, o que explica tamanha transferência de riqueza para os cofres das matrizes, superior em 40% em relação a 1994.

A burguesia imperialista está muito contente com os resultados. O Brasil comparece como um dos melhores paraísos para as multinacionais.

Enquanto que para os capitalistas internacionais a remessa de 4 bilhões (na verdade bem superior, porque há muita falcatrua) é um bom negócio e está de acordo com a concentração de riquezas nas mãos de uma minoria de países ricos, para a semicolônia brasileira significa uma terrível sangria.

O problema é que toda riqueza é produzida pela classe operária e demais explorados. Estes são cada vez mais empurrados para a miséria e o desemprego. Sofrem o peso da dupla exploração: a da burguesia nacional e da internacional.

A sangria do país semicolonial resulta da estrutura capitalista mundial, em que um punhado de países adiantados explora as nações atrasadas. Trata-se da opressão nacional. Esta, por sua vez, nasce e se apóia na opressão de classe, ou seja, na exploração do trabalho pela burguesia.

Eis porque a luta pela destruição do poder burguês nas semicolônias passa pela luta antiimperialista. É tarefa da revolução proletária a libertação nacional. O saque do país só poderá ter fim quando o proletariado destruir o poderio da burguesia nacional e internacional sobre o país.

### A privatização da Petrobras e da Vale do Rio Doce é um golpe sem precedente na economia nacional

O novo presidente do BNDE, o Sr. Mendonça de Barros, logo demonstrou a que veio. Sua tarefa primordial é acelerar o processo de privatização. A portentosa Vale do Rio Doce, almejada pelo capital estrangeiro (imperialista), é a primeira da lista.

Mendonça de Barros é um banqueiro muito amigo das potências imperialistas e, por isso, tudo fará para agradar o amo saqueador. Uma de suas primeiras declarações foi: (...) "o minério de ferro está em clara decadência no mundo, o preço da Vale tende a cair ao longo do tempo, dentro de uns cinco ou seis anos". Assim, seu objetivo é esquejar essa potência produtiva e entregar parte por parte ao grande capital internacional.

O mesmo destino está reservado para a Petrobras. Também já ouvimos dos vendilhões do país que o petróleo já não é mais uma matéria prima estratégica. Enquanto a burguesia nacional decadente deprecia as riquezas naturais e os grandes ramos da produção sob o seu controle, o capital financeiro e as multinacionais exigem que sejam entregues com urgência.

O Plano neoliberal de FHC é o cumprimento dessa imposição. Ao contrário, a política do proletariado denuncia o entreguismo antipátria da burguesia brasileira e se coloca pela luta antiimperialista e anticapitalista.

Está mais do que madura a necessidade de se constituir um amplo movimento nacional pela derrubada integral do Plano de FHC. Um movimento que levante um programa revolucionário e que se organize numa frente única antiimperialista.



Ceará

Recebemos o

## Manifesto da Liga Camponesa

Retomando a experiência das ligas camponesas de fins da década de 50, o Manifesto critica a degeneração pacifista em que desembocaram as direções nacional-reformistas (Francisco Julião) e afirma a Revolução Proletária.

Eis a afirmação: "Está posto hoje um desafio aos camponeses - a necessidade de construir uma organização revolucionária no campo que desrespeite completamente a propriedade privada capitalista, que busque a autonomia e a independência de classe, que lute pela reforma agrária e que tenha como saída para os trabalhadores a revolução proletária com a construção do socialismo".

Nesse mesmo sentido, o Manifesto defende a ocupação das terras como método de luta e a autodefesa. O POR tem todo interesse em impulsionar o trabalho pela Liga Camponesa e aprofundar a discussão do papel do camponesinato na revolução proletária, que, pelo caráter de país semicolonial do Brasil, assumirá tarefas combinadas democráticas, como a reforma agrária, com as de cunho socialista, coletivização da produção.

Achamos que o manifesto carece de defender a estratégia da ditadura do proletariado, sem a qual o programa da revolução proletária perde valor.

## A polícia resgata o dinheiro do capitalista, com a morte de 2 operários

Os operários trabalhavam na obra do prédio. Era dia de pagamento. Assaltantes entraram e exigiram o dinheiro que seria utilizado na folha de pagamento. Alguém chamou a polícia. Os assaltantes levaram 16 pedreiros para um barracão como reféns e exigiram coletes à prova de bala e facilitação da fuga. A polícia negou. O capitão da PM no comando ordenou a invasão com bombas de gás e metralhadoras. Dois assaltantes morreram e dois pedreiros também. O dinheiro do capitalista foi recuperado. As vidas dos 2 operários, não.

A polícia diz que só entrou depois do primeiro tiro, dado por um assaltante em um pedreiro. Mas os operários dizem que nenhum tiro foi dado antes da invasão policial. O barracão foi destruído pelas balas de metralhadora. Foi comprovado que alguns policiais atiravam de fora do prédio. O capitão disse que desejava que os corpos dos dois pedreiros mortos fosse encaminhado o mais rápido possível às famílias. Lógico, sem sofrerem autópsia, que poderia comprovar de quem foram as balas que os mataram.

Os capitalistas têm seu instrumento para garantir a exploração de classe e a propriedade: o estado, armado com forças de repressão. Deixam que essas forças se organizem aparentemente sem um controle, de forma a agirem sempre violentamente, de tal forma que o Estado possa se inocentar pela violência "exagera-

da" (massacres etc.) contra os oprimidos. No caso dos pedreiros assassinados, a polícia agiu em defesa do capitalista, para recuperar a qualquer custo o dinheiro roubado, mesmo que com mortes de reféns. O capitalista teve seu dinheiro recuperado, e o estado, o governo, afirmam que instaurarão um inquérito policial militar para averiguar o que houve. Podem inocentar os policiais, ou, se houver pressão, condenar os policiais como exceções da força repressiva.

Os explorados, que sofrem com a opressão da ditadura de classe da burguesia, precisam se organizar para destruir o estado burguês e seu aparato repressivo, que só garante de fato a exploração e a propriedade capitalistas. A revolução proletária construirá o estado operário, acabará com a ditadura aberta e disfarçada da burguesia, e se voltará contra os exploradores. A população será assegurada pela organização das milícias populares, sob seu controle.

NACIONAL



## Sindicato dos metalúrgicos de São Paulo fecha acordo e enterra campanha salarial

As campanhas salariais deste final de ano foram marcadas pela ausência de luta. Os metalúrgicos de São Paulo foram exceção à regra. A insatisfação com os baixos salários é tão grande que a direção pelega e vendida da Força Sindical foi obrigada a marcar uma greve a partir do dia 7/11. A reivindicação era muito pequena: reposição da inflação e aumento de 12% a 15%. A direção sindical, quando propõe um índice tão pequeno, já se coloca pela negociação, pelo acordo sem luta. Mesmo assim, os patrões não cederam e a presença dos operários nas assembléias levou à decretação da greve.

A direção do sindicato fez de tudo para que a greve não acontecesse. Fechou um acordo com todos os setores que atenderam aos míseros 12% a 15%, e os retirou da greve, dividindo o movimento. Mas no dia 7 várias empresas pararam. O

acordo fechado eleva de 2% a 3% os salários acima da inflação oficial, o que constitui uma derrota.

O fracasso da campanha metalúrgica de São Paulo influenciará nas outras campanhas de categorias mais fracas. Mas certamente contribuiu para isso a paralisia dos sindicatos cutistas, que também apostaram nas negociações e bloquearam a mobilização. Exemplo disso é o acordo do sindicato metalúrgico do ABC com a Ford, instituindo a jornada de trabalho flexível (hora extra gratuita).

Os sindicatos e a CUT, para funcionarem como instrumentos de mobilização e luta pelas reivindicações, precisam de novas direções. Isso depende da construção de correntes revolucionárias em cada setor de trabalho, baseadas num programa revolucionário.

## Balanço do XIV Congresso da Apeoesp

O XIV Congresso da Apeoesp ocorreu no período de 25 a 28 de outubro de 1995, na Baixada Santista.

Esperava-se que esse primeiro congresso educacional fosse de massa e representativo, pois estavam inscritos mais de 4500 delegados, ou seja, milhares de professores de várias cidades do estado de SP. Seria o maior congresso já realizado pela entidade e, portanto, poderia elevar-se minimamente o grau de politização de um setor da categoria.

Porém, dos 4500 delegados inscritos, 3600 instalaram-se nas acomodações, mas apenas 1700 aproximadamente (número registrado numa votação em urna) efetivamente participaram do congresso. Assim, evidenciou que mais de 50% dos congressistas compunham uma camada totalmente despolitizada e alheia aos problemas que veio usufruir de benesses pessoais e não para cumprir o objetivo pelo qual foram eleitos nas escolas. Ao mesmo tempo, mostrou que o congresso ficou restrito a uma pequena vanguarda sindical, praticamente a

mesma que organiza os movimentos e as lutas nas escolas no dia a dia.

O congresso não foi nem de massa nem politizador. Afirmamos isso porque foi controlado pela burocracia sindical, no sentido de impedir e aprofundar o debate sobre as idéias, principalmente num momento como esse das reformas privatistas de FHC/Covas.

Ao invés de iniciar o congresso com o debate sobre as 13 teses inscritas, para que os delegados tivessem acesso às várias correntes que militam no movimento dos professores, a burocracia sindical preferiu ocupar boa parte do tempo, com festividades de comemoração dos "50 anos de Apeoesp" (distribuindo troféus até para representantes da burguesia, como Boris Casó) e com palestras longas e cansativas sobre os temas, obviamente analisados somente com a sua ótica reformista, social-democrata.

Em seguida dividiu os congressistas em grupos de interesse, de acordo com os 10 temas desenvolvidos nas teses: concepção de escola, gestão, formação, avaliação, financiamento, plano de carreira, plano Covas, LDB, plano decenal e tecnologia e educação. Dessa forma, fragmentou mais ainda as idéias, pois os congressistas além de não conhecerem todas as teses, tomaram conhecimento apenas de um dos temas dentre os 10, dificultando assim a sua participação na plenária geral.

Colaborou, para esse cerceamento, a proposta da burocracia de que as emendas discutidas nos grupos precisariam de um quorum elevado

de 20% para irem ao plenário. A burocracia sindical sabe que as correntes minoritárias não estariam em todos os grupos, e, portanto, viriam ao plenário poucas divergências, sendo que com certeza todos tiveram acesso à tese da burocracia.

A fragmentação das idéias políticas e o uso de métodos burocráticos, para impedir a liberdade de expressão das correntes minoritárias, mantiveram a maioria dos congressistas no atraso político, que resultou na aprovação da tese da diretoria do sindicato. Assim, comprova-se que a burocracia sindical utiliza-se dos mesmos métodos burgueses, fragmentação e caudilhismo para se manter no controle do aparelho sindical. Ao mesmo tempo, para manter a linha de conciliação e colaboração com o governo FHC burguês, privatista, também desenvolvida pela direção da CUT.

A aprovação no congresso de apenas um ato de protesto no dia 24.11 em frente à Secretaria da Educação; de caravanas à Brasília para continuar a pressão sobre os deputados corrompidos; de propor emendas na LDB do direitista Darcy Ribeiro e as negociatas nos fóruns com os governos, são medidas inócuas, que renegam a luta de massa nas ruas contra as reformas. Significam que o magistério paulista novamente continuará no imobilismo e isolado e não será capaz de resistir sequer às demissões.

Novamente os reformistas, com a sua política impotente de pressões ao legislativo, colaboram com as reformas neoliberais.

### Judiciários-SP

## Abaixo as Mordomias!

### Salário Digno para Quem Trabalha

Recentemente o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo anunciou "um corte nos gastos" para o próximo ano. Isso significa que mais uma vez os trabalhadores sofrerão as conseqüências com esse corte que, com certeza, não passará pela diminuição das mordomias da cúpula, que não são poucas.

Não só quem trabalha no judiciário percebe as enormes disparidades ali existentes. Por um lado, vemos a cúpula (promotores, juizes, desembargadores etc.) desfrutando de regalias sem igual. Sem falar em seus gordos salários, para em sua maioria, não fazer nada ou quase nada. Por outro, vemos os que realmente trabalham e estes se vêem cada vez mais sobrecarregados de serviço e com aumento a

cada dia da falta de condições de trabalho (chegasse ao absurdo de funcionários, não poucas vezes, terem de comprar o material, com o dinheiro do próprio bolso, para poderem trabalhar).

Com os salários sempre defasados, os funcionários do TJ são obrigados a procurarem formas alternativas para complementarem o salário. Um exemplo é o dos cartórios e corredores dos prédios do TJ, onde funciona um verdadeiro comércio de bugigangas.

Esse quadro absurdo só é possível com uma categoria desorganizada. Aos trabalhadores do TJ, não basta a indignação. É preciso lutar e para isso a organização é fundamental.



# Congresso da UBES mantém PCdoB na direção

O Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas, realizado nos primeiros dias de novembro em Goiânia, marcou-se pelo submetimento da UBES à política burguesa e ao PCdoB, que deu a linha do encontro. Em vários aspectos, repetiu-se o que aconteceu no Congresso da UNE. A burocratização esteve presente em todos os níveis. A escolha de delegados, um por escola, já estrangulou a participação da base, colocando a indicação de delegados nas mãos dos grêmios, em geral esvaziados ou burocratizados. As assembléias gerais, que deveriam ser soberanas para indicar os delegados, foram exceção. A discussão política foi colocada em segundo plano: as correntes se diluíram no clima festivo do encontro. Nesse quadro, a manutenção do PCdoB na direção da organização estudantil secundarista não refletiu a posição da maioria dos estudantes, e sim seu controle aparelhista sobre a entidade. A posição das correntes, que em geral negaram-se a travar a luta política contra o estalinismo, contribuiu para a despolitização.

Nunca a educação sofreu tamanho ataque no Brasil. Os governos aplicam a política neoliberal e trabalham por reformar o ensino adaptando-o às exigências impostas pelo FMI e Banco Mundial: reduzir os gastos do estado com a educação e limitar o ensino público à formação básica (alfabetização).

As políticas de cada governo estadual têm suas diferenças, mas no essencial caminham para a destruição do ensino público. Num quadro assim, era de se esperar uma luta encarniçada dos estudantes contra o sucateamento do ensino. Mas o que vemos é a paralisia das organizações estudantis, empenhadas na aplicação da política de pressão parlamentar e institucional, e nas negociações de cúpula. A complacência com a exploração da educação pelo ensino privado também é uma marca das atuais direções estudantis. Nunca as escolas particulares tiveram tanta liberdade para explorar livremente os estudantes. Nunca progrediram tanto economicamente, nem retrocederam tanto na educação.

O PCdoB e o PT estão empenhados em aplicar no movimento uma política que pode ser sintetizada em: 1) pressão parlamentar; 2) negação da ação direta e das manifestações massivas; 3) burocratização das organizações estudantis, transformando-as em formas exclusivamente "representativas" dos estudantes, distantes das bases; 4) utilização das organizações estudantis como aparelhos eleitorais.

Aquelas correntes que se denominam oposição têm cumprido um papel de "consciência crítica" do reformismo e do estalinismo. Negam-se a travar a luta política contra o PT e PCdoB, que necessariamente tem de se basear

numa linha de impulso à ação direta dos estudantes. No Congresso da UBES, o PSTU, por exemplo, chamou à formação de uma frente de todas as correntes contra o PCdoB. Mas sobre a base de quê? Politicamente, a identificação do PT com o PCdoB é quase total. A frente de oposição do PSTU se baseia apenas na oposição ao PCdoB. Essa conduta aparelhista e oportunista só pode encontrar rejeição dos estudantes.

O POR defendeu a unidade dos estudantes no Congresso, para enfrentar nas ruas, junto ao movimento operário e popular, com luta, o plano neoliberal que destrói a educação. Para isso, é preciso rejeitar a política reformista e estalinista como obstáculos ao desenvolvimento da ação direta dos estudantes. Defendamos a construção de uma corrente proletária na educação, que se estruture sobre a base de um programa revolucionário oposto à politicagem burguesa e ao reformismo e estalinismo.

Educação



## FUMAPS: a prefeitura do PT quer taxar os sem-teto... por não terem teto!

O movimento Socialista Independente pela Terra através da região oeste elegeu 1 representante para participar do Fundo Municipal de Habitação. Trata-se de uma organização burocrática criada pela prefeitura.

Na primeira reunião foi apresentada a proposta da prefeitura de constituir o fundo através de pagamento pelos sem-teto de 24 mensalidades, para todos os adquirentes de moradia de baixa renda na cidade. Além dessas prestações, a prefeitura pretende engrossar o fundo com o pagamento de guias, asfalto e melhoramentos executados nas favelas e núcleos habitacionais de baixa renda.

Uma contradição e uma afronta aos oprimidos e sem-tetos. São penalizados exatamente por não terem moradia, com taxação especial.

Nossa proposta é que nenhum centavo seja retirado dos assalariados pobres que já são extremamente arrojados. Um salário que é só nominal (só tem nome), porque o salário mínimo real deveria ser de mil reais por mês, para uma família poder sobreviver.

A taxação para formar o fundo deve ser cobrada dos burgueses que não cumprem as leis sociais que eles mesmos fazem. A prefeitura que os multe e reverta o dinheiro para o fundo de moradia.

O fundo deve ser constituído também com o dinheiro gasto nas propagandas nos *outdoor* (painéis de rua) e nas mordomias e carros oficiais que rodam a cidade dia e noite fazendo politicagem eleitoral.

### A luta da Vila Socialista continua

Cadastramento para ocupar os 128 apartamentos restantes da Vila Socialista.

72 apartamentos serão preenchidos por companheiros que participaram da ocupação da Vila Socialista que não foram cadastrados anteriormente pelo governo. Os 56 restantes, o governo está exigindo uma lista de 448 famílias. Isto depois do movimento não concordar com os 560 propostos. Para quê tanta gente, para tão poucos apartamentos? Exatamente para se fazer demagogia e promoção eleitoral à custa da miséria do povo. Exigimos moradia para todos, chega de enrolação.

**Pelas moradias por frente de trabalho e para todos!**

**Se o governo não cede, ocupação de terra!**

Movimento Operário

# Realizado debate sobre aniversário da Revolução Russa de 1917

O POR realizou no último dia 12/11 um debate em São Paulo comemorando os 78 anos da Revolução Russa. Chama a atenção o fato das correntes não darem valor à data, porque trata-se do aniversário da primeira revolução proletária vitoriosa, marco fundamental da História da humanidade. A campanha que a burguesia tem feito no mundo todo contra o marxismo e o socialismo atingiu as correntes de esquerda, que "se esqueceram" da data. Outras, mais resolutas no seu revisionismo e no abandono do marxismo, renegam abertamente a Revolução de Outubro, como fizeram Mandel e sua tendência já há alguns anos.

A burguesia esforça-se por identificar o marxismo-leninismo com o estalinismo, as conquistas da Revolução (monopólio estatal, planejamento centralizado, fazendas coletivas etc.) com o desastre econômico da economia soviética a partir dos anos 80 e a morte do estalinismo com o fim do socialismo. Nossa corrente, que se reivindica do marxismo-leninismo, luta para defender o oposto. Reivindicamos a Revolução Russa, o marxismo-leninismo e o socialismo, como conquistas científicas do movimento operário mundial e da humanidade, que pode caminhar, a partir da destruição de toda forma de opressão do homem pelo homem, para viver sua verdadeira história.

## O lugar estratégico do Partido Bolchevique

No debate, houve uma breve exposição seguida da abertura de falas livres. A presença de outras correntes e simpatizantes enriqueceu a discussão. Destacou-se na exposição os aspectos históricos e políticos que permitiram que ocorresse a primeira revolução socialista justamente num país dos mais atrasados do mundo, contrariando as expectativas de Marx quando sintetizou as teses do socialismo científico. Mostrou-se que havia uma série de características da situação internacional e nacional que criaram condições para a revolução. Mas destacou-se que a principal delas foi a presença do partido bolchevique, do leninismo, que conseguiu expressar o marxismo na sua forma mais elevada, materializando-o no movimento das massas operárias e camponesas russas. O marxismo-leninismo, baseado num profundo conhecimento do marxismo, o desenvolveu a partir da experiência das massas na Rússia e internacionalmente. A construção da III In-

ternacional refletiu o avanço da teoria e organização operárias em todo o mundo, expressas nas resoluções dos seus quatro primeiros congressos, que sintetizam o marxismo-leninismo.

## Lênin e Trotsky contra a degeneração burocrática de Stalin

Mostrou-se também uma série de fatores que favoreceram a formação de tendências burocratizantes no interior do partido e do estado operário nos anos que se seguiram à tomada do poder pelos operários e camponeses. O fundamental é que o isolamento internacional do primeiro estado operário, numa economia capitalista mundial, foi a causa da burocratização e restauração capitalista. O estalinismo, expressão das pressões políticas da burguesia mundial e russa sobre o primeiro estado operário, inaugurou o processo de restauração capitalista e destruição da organização e do programa internacionais do proletariado. Com sua linha reacionária de socialismo num só país e convivência pacífica com o imperialismo, criou as condições para a restauração capitalista. Lênin primeiro, e depois Trotsky, combateram a burocratização do partido e do estado desde o início, embora não pudessem prever a possibilidade de degeneração. Como marxistas, sabiam que não seria possível manter a revolução em um só país, e trabalhavam pela revolução socialista mundial. Para ambos, o isolamento da revolução russa levaria à contra-revolução. A morte da vanguarda revolucionária, em guerra civil ou depois assassinada pelo estalinismo, e a derrota da oposição de esquerda abriu caminho para a consolidação da ditadura burocrática e sanguinária de Stalin, que nada tem a ver com a ditadura do proletariado marxista-leninista, baseada no poder dos soviets. Stalin, depois Kruschev, Brejnev e Gorbachov realizaram uma parte dos sonhos da burguesia mundial com o processo de restauração capitalista.

## A crise capitalista é mortal

Mas o capitalismo encontra-se mergulhado em sua crise mais aguda. A economia mundial, depois de um breve período de crescimento obtido após a segunda guerra mundial às custas da destruição massiva de forças produtivas, está há quinze anos praticamente sem crescer. A crise de superprodução aumenta a cada dia o contingente de mais de um bilhão de famintos na miséria absoluta, enquanto concentra capitais e mercados nas mãos das multinacionais e do capital financeiro imperialistas. O neoliberalismo, criado para permitir a sobrevivência do parasitismo financeiro e exploração mundiais pelo imperialismo, esgota-se rapidamente, enquanto destrói forças produtivas e ataca a vida das massas, cortando-lhes salário, emprego e assistência social. À beira da barbárie, a humanidade recorrerá aos princípios que permitiram aos operários e camponeses russos revolucionarem seu país, e sepultará o cadáver histórico do capitalismo em todo o mundo com a Revolução Mundial Socialista. Repetimos com Lênin:

**"Apesar de tudo, o socialismo triunfará!"**



## Comemoração da Revolução Russa

No dia 7 de novembro, na sede da CUT-CE, realizou-se o debate "78 Anos da Revolução Russa", promovido pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Foi convidada a Frente Revolucionária, mas infelizmente compareceu apenas um de seus militantes.

### Importância da defesa da Revolução Russa

Os 78 anos da primeira revolução proletária vitoriosa passou em silêncio pela chamada esquerda (PSTU, CO, PART, PCdoB, PT). Não foi por mero acaso. Trotsky dizia que era "impossível falar de uma revolução, como a que criou a República dos Soviets, sem tomar uma posição política" ("A Revolução Russa", 1932).

Certamente, os revisionistas do marxismo não mais podem ter a Revolução Russa como referência do internacionalismo proletário. Não foram capazes de analisar corretamente a crise do estalinismo, os acontecimentos do Leste Europeu, a linha da Perestróica etc. Enfim, não foram capazes de desenvolver a linha da revolução política contra o restauracionismo, que implica a reinstalação da ditadura do proletariado e reedificação do Estado Operário.

Por exemplo, o PSTU inventou a estória de uma revolução democrática antiestalinista, fechando os olhos para a marcha da restauração capitalista. Causa Operária, embalada

por PO, fez a maior apologia da unificação alemã, como se fosse o caminho necessário para a revolução proletária. A Democracia Socialista, mandelista, já renegou francamente a Revolução Russa. O PT é reformista, portanto contra-revolucionário, por isso é inimigo do marxismo.

No fundo, todas essas correntes, de uma forma ou de outra, sofreram abalos com a desintegração do estalinismo.

Demonstram que nunca entenderam o papel do estalinismo e não se colocaram à altura da tarefa de defender o marxismo-leninismo-trotskyismo.

### A exposição do POR

O POR destacou: 1) A importância da Revolução Russa como prova histórica das teses do marxismo, em que se pode construir uma nova sociedade, partindo da expropriação da burguesia e da coletivização dos meios de produção; 2) A necessidade da vanguarda ligada às massas e bem preparada teoricamente, ou seja, do Partido Bolchevique; 3) A contra-revolução estalinista, o domínio da burocracia e o conteúdo restauracionista da "teoria do socialismo em um só país"; 4) O processo de restauração atual como desenvolvimento final da contra-revolução estalinista; 5) A tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução (IV Internacional), o que implica para nós estruturar o POR no Brasil.

### Argentina

## A Luta do Comitê Coordenador dos Desempregados de Neuquen

O Comitê fundado há pouco mais de dois meses pelo trabalho de um grupo de ativistas independentes e de militantes de partidos de esquerda (basicamente o POR e o MAS). O Comitê Coordenador dos Desempregados é uma organização independente da classe operária.

Nesse momento a esquerda vinha mobilizando pequenos grupos de cada bairro para exigir do governo uma solução para o desemprego. Foi assim que começaram a ser realizadas reuniões no *Salão Comunitário do Bairro Independência* de onde nasceu uma importante mobilização dos bairros periféricos mais pobres, que se constituíram a partir de ocupações de terra, sendo a maioria dos companheiros, agora desempregados, operários da construção civil.

Essa mobilização levou, ao final de agosto, à ocupação da prefeitura por mais de 600 pessoas, por cerca

Nesse momento a esquerda vinha mobilizando pequenos grupos de cada bairro para exigir do governo uma solução para o desemprego. Foi assim que come-

### Capitalismo de Estado, uma tese reacionária

No debate, o companheiro da Frente Revolucionária caracterizou que o que houve na Rússia foi capitalismo de estado. A militância do POR mostrou a tese trotskista do Estado Operário e sua degenerescência pelo estalinismo.

Ficou evidente o absurdo do capitalismo de estado diante do fato de haver concretamente um processo de destruição das conquistas da revolução e restauração capitalista.

Se no passado, quando Trotsky ainda era vivo, a caracterização oposta ao Estado Operário degenerado, impossibilitava defender a Revolução de Outubro contra as pressões do imperialismo e de lutar contra o próprio estalinismo, hoje, frente à restauração adiantada, não deixa de ser revolucionária.

quando Trotsky ainda era vivo, a caracterização oposta ao Estado Operário degenerado, impossibilitava defender a Revolução de Outubro contra as pressões do imperialismo e de lutar contra o próprio estalinismo, hoje, frente à restauração adiantada, não deixa de ser revolucionária.

Ao mesmo tempo aconteciam mobilizações, ocupações e fechamentos de ruas nos arredores da capital neuquina.

Na greve de 6/9, o companheiro Horacio Panario fez o chamamento para a manifestação do Comitê em frente ao *Monumento San Martín*.

No dia da manifestação, 2 de outubro, organizava-se a concentração no Monumento em frente à Prefeitura, cujo interior contabilizava 17 bairros organizados no movimento.

Ao mesmo tempo aconteciam mobiliza-

Internacional



estava repleto de policiais. Uma das colunas que vinha em passeata dos bairros para o Monumento, passando em frente a casa do governo e vendo-a desguarnecida, resolveu ocupá-la.

Logo após, ao tomar conhecimento do fato, o restante dos manifestantes segue para a casa do governo, as tropas da UESPO (tropas de choque) seguem também para lá. Inicia-se a pancadaria. Sob impacto da violenta repressão, o grupo organiza a retirada se reconcentrando no Monumento San Martín. Cerca de 200 das 1300 pessoas que ocuparam a casa do governo resolveram passar a noite no local. A certa altura da noite começa a chover e o movimento revê sua posição, iniciando a volta aos bairros em grupos.

Quando o movimento se dispersou, a polícia interceptou os grupos e iniciou a captura de suas lideranças. Nesse momento o companheiro Panario foi preso. No outro dia, continuaram as prisões, os espancamentos e uma intensa campanha

na imprensa contra o movimento.

O Comitê, apesar das perseguições, consegue se reunir clandestinamente. Em uma destas reuniões, juntamente com representantes das várias categorias da *Universidad Nacional de Comahue*, organiza um ato de repúdio à repressão, mas devido à campanha de amedrontamento nos bairros não teve muita participação.

Neste momento, a tarefa mais importante é desenvolver a campanha de libertação de Panario e de todos os dirigentes presos, de deter as capturas e perseguições como a de Juan Yañez, que poderá ser extraditado para o Chile. Ao mesmo tempo é necessário rearmar o Comitê a partir dos bairros, fazer um balanço dos erros e dificuldades e responder aos ataques da burguesia, que contou com o aval do Comitê Executivo (composto pela igreja, pelas burocracias da ATE e da CGT e pelo Conselho de Vizinhos) pagando informes publicitários nos jornais condenando os lutadores.

(Síntese de matéria do Jornal Masas 100, do Comitê Construtor do POR Argentino, 20/10/95)

## Argentina:

# Basta de Repressão

*Reproduzimos abaixo texto do Comitê de Desempregados de Neuquen repudiando a brutal repressão contra as lideranças do movimento*

Este Comitê se dirige à opinião pública em geral e aos trabalhadores em particular para expressar o seguinte:

Que os fatos do dia 2 de outubro são de exclusiva responsabilidade do governo que, em meio à negociação, ordenou reprimir brutalmente mulheres, crianças e desempregados que esperavam de forma pacífica em suas dependências uma resposta a nossos reclamos.

Que como produto da repressão foram feridos pais e mães.

Que o momento em que a coluna se retirava, à noite, novamente reprimiu, desta vez com maior sanha, e deteve o companheiro Horacio Panario.

O Comitê Coordenador dos Desempregados é um movimento genuíno que não está subordinado a nenhum partido político. Suas resoluções são aprovadas em assembléias, em pleno exercício da democracia operária.

O governo montou uma campanha de confusão e descrédito, nos associando com candidatos para ter uma desculpa para perseguir

companheiros nos bairros com total impunidade, ao melhor estilo da época da ditadura.

O governo não somente está perseguindo os candidatos, mas principalmente os companheiros dos bairros que foram reclamar naquele dia. Prova disto são as ameaças que sofremos hoje nos Bairros Independência e Belém.

Repudiamos a atitude das direções sindicais que demagogicamente tentaram utilizar os desempregados e que logo fizeram um bloco com o governo e os patrões avalizando a repressão.

Pelo exposto anteriormente:

Reclamamos a imediata liberdade para Panario e todos os detidos, fim imediato das perseguições e dos processos.

Reivindicamos em todos os termos nossos reclamos entregues naquela ocasião e reafirmamos nosso compromisso de seguir lutando por nossa dignidade como trabalhadores.

Neuquen, 5 de outubro de 1995

Comitê de Coordenação dos Desempregados

(Extraído do Jornal Masas nº 100 do Comitê Construtor do POR argentino, 20/10/95).

## Campanha do POR contra a repressão do governo argentino

Juntamente com o núcleo do PTS no Brasil, o POR realiza uma campanha de denúncia do governo argentino repressivo e colhe assinaturas para o abaixo-assinado do Comitê pela Libertação dos Presos. Também convocamos as

correntes de esquerda a construir conosco um comitê para reunirmos condições de mobilização. Trata-se de organizar uma manifestação na Embaixada Argentina.



# Guillermo Lora, do POR boliviano, responde a Osvaldo Coggiola

Na revista de PO, da Argentina, "Em Defesa do Marxismo", Osvado Coggiola, professor de História da USP, redigiu um "balanço" da greve geral na Bolívia, que culminou com o Estado de Sítio. O seu objetivo central foi o de atacar e denegrir o POR. A resposta de Guillermo Lora, intitulada A "Crítica" de Coggiola, Exemplo de que Atacar o POR da Bolívia é um Bom Negócio, se encarrega de demonstrar que não se trata de uma crítica, mas sim de uma deformação e falsificação da política e conduta dos trotskistas bolivianos.

Transcrevemos apenas um trecho, porque logo mais editaremos o texto integral.

"É curioso que nossos adversários não aprendam nada da experiência histórica. As mais diversas expressões do revisionismo do trotskismo trouxeram para a Bolívia muito dinheiro, grupos de especialistas bem treinados etc, tudo para esmagar o POR, tido como um dos maiores inimigos. De maneira invariável, ao se chocarem com o POR, se pulverizaram e desapareceram. Aos impostores de hoje, está reservado o mesmo destino. O trotskismo boliviano se levanta poderoso e invencível mais por seu programa do que pelas virtudes de tal ou qual de seus dirigentes. Na atualidade, marchamos passando por cima dos cadáveres dos que foram nossos detratores e inimigos jurados".

Na realidade, Osvado Coggiola não é nada. O adversário do POR está

por detrás do intelectual uspiano, ou seja, o PO da Argentina. Seu ideólogo máximo é Jorge Altamira. Esse até agora não ousou colocar seu nome em nenhum ataque ao POR. Como a fábula de quem tira a castanha do fogo, incentivou ou autorizou primeiramente Pablo Resnik a atirar a primeira pedra, agora chegou a vez do historiador Coggiola.

Logo mais, procurem-nos para a adquirir a resposta completa de Lora.

## Fracassa a campanha PO/Causa Operária

Causa Operária distribuiu cartazes e convites para a palestra de Jorge Altamira, Juan Pablo (da Bolívia) etc. O objetivo era o de projetar Juan Pablo, um ex-militante do POR, expulso por uma Conferência como delator.

Esse infeliz logo deu as mãos a Jorge Altamira, quem poderia "salvá-lo" do pântano. Não tardou para PO impulsionar a idéia de um Tribunal Internacional para julgar a expulsão do delator. Osvado Coggiola lançou a bandeira no Brasil, incentivado por Causa Operária e uma de suas frações (TBI).

Publicou-se um bônus para arrecadar fundos para o tal do tribunal. Correntes altruístas do morenismo não pestanejaram em colocar seus nomes para o dito tribunal. Afinal de contas, quem sentará no banco dos réus não será o delator Juan Pablo, mas sim o POR, na figura de Guilher-

mo Lora.

Certamente tudo isso é pueril e sujo. Ocorre que o julgamento já foi feito por PO, que provavelmente acolherá em suas fileiras o infeliz. O problema, portanto, está em como limpar o nome do delator. Nesse sentido, é cômico como as demais correntes oferecem seus nomes para os objetivos de Juan Pablo/PO.

Se PO está levando o delator para fazer palestras internacionais, é porque já o julgou inocente e o POR um partido degenerado, nos dizeres do saudável e combativo Coggiola.

A primeira investida no Brasil, com o claro objetivo de combater o POR brasileiro, fracassou. A palestra de Altamira/Juan Pablo não reuniu mais do que 25 pessoas no amplo salão do Sindicato dos Químicos. Nem bem foram feitas as explanações, sendo que Altamira foi substituído por Pablo Resnik, Coggiola a encerrou melancolicamente, como nos narrou um dos presentes.

Internacional



## Bolívia

# Manifestações de 26 de Outubro Estalo de um Povo Enfurecido

A política de fome e antinacional do governo, colocada a serviço do imperialismo, particularmente do norteamericano, vem se concretizando como ameaça iminente de mais demissões massivas e do avanço incontido da escalada dos preços, particularmente dos alimentos imprescindíveis. Este estado de coisas se tornou insustentável.

Da mesma forma que se torna evidente o caráter entreguista da conduta do governo cresce sua impopularidade e o ódio das massas.

A maioria nacional está convencida de que tem de lutar frontalmente contra a globalidade da política do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), que está no poder.

Algumas vezes a fúria do povo se descarregou através das ilusões democráticas, das esperanças

eleitorais (é como esperar que com a ajuda do voto se resolvam todos os problemas nacionais e sociais), da confiança nos partidos burgueses de oposição.

Agora isto está esgotado. O descrédito alcança a todos os partidos burgueses e reformistas, pois todos eles confiam totalmente na invasão do capital financeiro do país, na entrega dos recursos naturais às multinacionais, na privatização da previdência social e tem as mãos metidas no narcotráfico.

O ódio e o repúdio não são somente ao oficialismo, mas à burguesia e seus serventes de conjunto, claro que se concretiza em Goni-Patiño, que esperava nos embriagar com suas piadas de mal gosto e de pior castelhano. O gracioso gringinho se

apresenta agora como um fantoche vulgar.

Nós bolivianos já não podemos aguentar mais a fome, menos ainda a entrega do país por migalhas, não queremos nos converter em peões das multinacionais. Este é o conteúdo da fúria popular contra o atual governo e toda a burguesia.

Durante os dois estados de sítios as massas populares não deixaram de ganhar as ruas, realizar atos, marchas, apesar da repressão policial cada vez mais brutal.

Contudo havia muita energia acumulada, contida pela impossibilidade de permanecer longo tempo nas ruas e de converter a burocracia cobista traidora e contrarrevolucionária em impulsadora da luta. Agora tudo isto foi detonado e as manifestações de 26 de outubro em todo o país demons-

traram o que poderá fazer o povo radicalizado nas jornadas imediatas.

A luta que travamos é política, o que significa que orienta a sepultar o governo movimentista.

Corresponde aos revolucionários penetrar profundamente no seio das massas, as organizar, as politizar e mobilizar, assim superaremos a burocracia pró-burguesa. A luta tem de ser generalizada (há que elaborar uma plataforma única com as reivindicações de todos os setores).

O mais importante: *Fixar com nitidez a finalidade estratégica; derrotar o conjunto da política governamental. O que significa encaminhar-se para sepultar a burguesia.*

A unidade operária e camponesa, o fortalecimento dos sindicatos, seu armamento tem de ser realizado sobre a direção política do proletariado.

(Extraído do Jornal Masas Nº 1484 do POR boliviano de 01/11/95)

## Espanha

### Lançado o Número 1 de "Lucha de Clases" (Luta de Classes)

Colocando-se como um boletim de difusão das idéias trotskistas na Espanha, Lucha de Clases, que será impresso bimestralmente, será "um espaço de debate que possibilite o agrupamento de todos aqueles que lutam por acabar com a atual ordem social e nos permita recuperar e assimilar a herança ideológica que nos legaram Leon Trotsky e os clássicos do marxismo".

O projeto dos companheiros espanhóis, simpá-

ziantes do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, vem no sentido de propagandear o marxismo-leninismo-trotskismo para a vanguarda operária revolucionária.

Nós aqui no Brasil felicitamos os companheiros espanhóis por esta iniciativa que faz parte da construção de um poderoso Partido Operário Revolucionário na Espanha.

## Entre a Crise Política e o Final de uma Época

### As Eleições Municipais

As eleições municipais e das regiões autônomas de 28 de maio último fizeram com que o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) perdesse o governo nas principais cidades e comunidades autônomas mais importantes, obtendo em torno de 30%, enquanto o partido conservador franquista (Partido Popular, PP) obteve 35%. O eleitorado destas cidades, incluindo os bastiões tradicionais da esquerda, votaram contra o PSOE, farto das promessas não cumpridas, de sua política antioperária e dos seus constantes escândalos de corrupção. Felipe Gonzáles protagonizou na Espanha a linha social-democrata de romper definitivamente os laços que ainda tinha com a classe operária e converteu-se num dos liberais mais ferrenhos.

Os estalinistas, através da Esquerda Unida (IU), frente nucleada em torno do Partido Comunista Espanhol (PCE), avançaram no aparato estatal, mas muito abaixo das expectativas, não conseguindo aparecer como alternativa ao PSOE para os trabalhadores. Para estes, o estalinismo se transforma na ala esquerda do PP (direita burguesa), só se diferenciando deste em palavras. Optando pela recomposição do "estado espanholista" contra as minorias bascas e catalãs.

Esta política do estalinismo está levando a uma cisão na IU da Catalunha, que irá se refletir no próximo congresso do PCE, centrado quase exclusivamente no reforço do aparelho partidário e na estratégia para controlar a IU e as comissões operárias (Comisiones Obreras, CCOO).

### A Crise de Governo

No início da crise a burguesia catalã e basca, através de seus partidos (Partido Nacionalista Basco, PNV e Esquerda Unida da Catalunha, CIU) optaram pela continuidade do governo do PSOE, mas, com o aprofundamento da crise, partiram para o ataque direto ao governo, acompanhados do PP e do PCE, fazendo com que este se deteriorasse rapidamente, colocando a necessidade da mudança, isto é, recompor sua unidade em torno do PP.

O PSOE procura ainda aglutinar a burguesia espanhola através da presidência da União Européia (Gonzáles a exercerá até dezembro), como forma de desviar a atenção de sua crise interna. O problema é que a contínua sucessão de escândalos impossibilita colocar seriamente alguma meta fixa. A recente ruptura dos nacionalistas catalões com Felipe Gonzáles torna mais difícil ainda um mínimo de governabilidade.

Para o próximo governo, será muito complicado superar a crise do

Estado sobre a base do reforço do centralismo. Há as campanhas lançadas pelo PP, com a inestimável ajuda do PCE, contra o nacionalismo basco e catalão.

A política enlouquecida de atentados, por parte da organização para a independência basca ETA, contribuiu poderosamente para paralisar e confundir o movimento nacionalista basco e isolá-lo. Os chamados grupos de extrema esquerda (hoje praticamente extintos) seguem a mesma linha do Herri Batasuna de subordinação ao ETA.

A reivindicação de autodeterminação das nacionalidades e a crítica à morte do terrorismo do ETA por seu caráter desmobilizador serão a única forma de armar um potente movimento de massas pela independência das nacionalidades.

Neste momento uma das tarefas centrais dos revolucionários será de combater a partir dos sindicatos e das fábricas por dotar o movimento operário de um programa e de métodos de luta adequados. Esta é uma tarefa indissolúvelmente ligada à construção do Partido Revolucionário independente do estalinismo e da social-democracia, entregues ao liberalismo.

(Síntese de matéria publicada no jornal "Lucha de Clases" espanhol Nº 1 de outubro/novembro de 95)

